

# INTERVALO ANALITICO



## ENTRE O INFANTIL

Curiosidade (2016).  
© Irma Gruenholz.

### MATÉRIA DA CAPA

#### *O infantil, o precoce e o profundo*

"Podemos dizer que o precoce pode ser observado, enquanto o profundo pode ser experimentado e encontrado por meio da análise."

(Bernard Golse)

#### *Onde está o nosso infantil?*

"Imagino Einstein, Freud e Platão como crianças que brincaram."

(Maria Noel Sertã)

Por Bernard Golse e  
Maria Noel Sertã  
Páginas 3 e 4

### FAZENDO PARTE DA PSICANÁLISE

#### *Entrevista com Ane Marlise Port Rodrigues*

"Não fomos preparados para lidar com fenômenos grupais/institucionais. Nossa formação é muito dirigida para o trabalho com o indivíduo e onde a abstinência é um princípio."

Por Carlos Pires Leal  
páginas 5, 6 e 7

### PSICANÁLISE & CIA

#### *Francisco Bosco*

"O campo da discussão ideológica está predeterminado por posições inconscientes que impedem tanto a correta compreensão das macroideologias quanto a imprescindível margem de manobra cognitiva para que o debate público cumpra sua função."

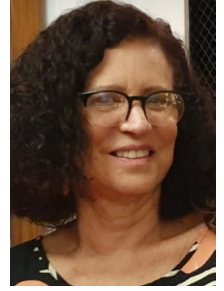
Por Tiago Mussi  
páginas 10 e 11

### DIVAGAR É PRECISO

#### *Conhecer o mundo, contar histórias*

"O livro, que trata de fatos duros e doídos, o faz pela narração do que há de mais fino: a experiência subjetiva."

Por Maria Izabel Varella  
página 12



# Entre o Infantil

Abrindo os trabalhos do nosso jornal, neste 2024, convidamos nossos autores para falar sobre o Infantil, tema abrangente que persiste em nossas vidas, se pensarmos que a infância se refere a um tempo da realidade histórica, enquanto o Infantil é atemporal, submetido a conceitos como pulção, recalque e inconsciente.

O título de nossa *Matéria de Capa*, misto de convite e signo de pluralidade, é desenvolvido no texto divertido, consistente e sério, como brincadeira de criança, que Maria Noel Sertã, membro efetivo da SBPRJ, nos presenteia, apontando para o tempo do Infantil como o tempo do Inconsciente que emaranha passado, presente e futuro e aparece nos sonhos, sintomas, medos e nas realizações dos adultos, e afirma que é pelo Infantil que se caminha em um percurso analítico.

O psiquiatra infantil e psicanalista Bernard Golse, ao trabalhar o tema do Infantil, dá especial atenção às categorias do primitivo e do profundo na criança, apoiando-se em Winnicott que confere importância à distinção entre os dois momentos e afirma que o precoce (primitivo) pode ser observado enquanto o profundo pode ser encontrado por meio da análise.

Nosso membro efetivo Carlos Pires Leal, colaborador responsável pela coluna *Fazendo Parte da Psicanálise*, entrevista Anne Marlise Port Rodrigues, psiquiatra e psicanalista, formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), analista de crianças e adolescentes. Em uma conversa riquíssima que abarca o universo institucional, seus impasses e suas possibilidades,

Carlos e Marlise trocam ideias em que entram perguntas sobre Psicanálise e Cultura, o modelo quadripartite - 4º Eixo e tantas outras questões. Imperdível leitura para entender melhor o momento de nossas instituições.

Ler a resenha que Luiz Fernando Gallego, membro honorário da SBPRJ, faz do delicadíssimo filme *Vidas Passadas* é viajar nas asas da memória e dos afetos perdidos no tempo e, como afirma Gallego, deixar claro que a infância é a vida passada do título, ainda que possa se eternizar no presente.

Nossa colega Marcela Ouro Preto Santos, membro efetivo da SBPRJ, nos fala do desafio de atender essa faixa etária e, ao mesmo tempo, a riqueza que esse atendimento pode trazer para o psicanalista. Marcela traz a notícia sobre a Formação Integrada já aprovada em Assembleia Geral Extraordinária da nossa instituição, aguardando apenas a confirmação da IPA, e convida nossos membros a assistirem aos seminários sobre bebês, crianças e adolescentes, mesmo que não pretendam atender faixa tão precoce, sublinhando a oportunidade de entrar em contato mais próximo com os primórdios deste infantil que encontrarão nos seus pacientes.

Cassiane Crestani, membro provisório da SBPRJ, psicóloga especialista em clínica de orientação da infância e adolescência, nos alerta em seu texto "Direito ao Segredo" para a importância do sigilo no atendimento de crianças e adolescentes, direito a ser respeitado, garantindo a confidencialidade imprescindível no trabalho analítico,

sendo quebrado apenas quando houver risco para a integridade do analisando.

Difícil recortar um aspecto da entrevista feita por nosso coeditor Tiago Mussi com o ensaísta e doutor em Teoria da Literatura Francisco Bosco, dada as análises aprofundadas feitas em resposta às boas perguntas. Falando sobre o diálogo possível entre a Psicanálise e o debate público, dentre outros aspectos, Chico aponta que o grosso do debate se encontra nas redes digitais, que têm uma dinâmica afetiva inconsciente, e afirma ser a Psicanálise a possuir repertório conceitual para responder porque o debate público segue girando em falso.

Fechando nossa publicação, na coluna *Divagar é Preciso*, a aluna da SBPRJ Maria Izabel Varela faz a resenha do livro de Conceição Evaristo, *Becos da Memória*, que conta a história do processo de remoção de uma favela mineira a partir da perspectiva de uma colecionadora de histórias: Maria-Nova. Maria Izabel tem a convicção de que a personagem contadora de histórias, Maria-Nova é Conceição Evaristo e confirma seu saber com as palavras da autora: as histórias são inventadas, mesmo as reais quando são contadas.

Com a esperança equilibrada de que as crianças do planeta Terra possam crescer com alimentos, água, abrigo, cultura e paz, desejo a todos uma boa leitura.

// Sandra Gonzaga e Silva  
gonzaga.sagon@gmail.com



Filiada à Febrapsi, Fepal e IPA  
sbprj.org.br

Siga-nos e se inscreva em nosso canal:



@SBPRJ



@sbprjoficial



@CanaldevideosSBPRJ

## INTERVALO ANALÍTICO

**Editora:** Sandra Gonzaga e Silva / **Coeditor:** Tiago Mussi / **Colaboradores do Intervalo Analítico:** Carlos Pires Leal, Danielle Grynszpan, Luiz Fernando Gallego, Maria Noel Brena Sertã, Wania Cidade / **Projeto Gráfico:** Fantastico Studio di Design / **Editores:** Celyne Maués / **Revisão Ortográfica:** Lucas Paiva  
*As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.*

## SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2023-2024

**Presidente:** Ruth Naidin; **Vice-Presidente:** Miguel Calmon; **1ª Secretária:** Adriana Lasalvia; **2ª Secretária:** Magda Rodrigues Costa; **1ª Tesoureira:** Gabriela Pszczol Krebs; **2ª Tesoureira:** Clara Sauberman / **Instituto de Formação Psicanalítica:** Ana Sabrosa (Diretora), Bernard Miodownik (Vice-Diretor), Nazli Faraj Sasson (Secretária) / **Conselho Científico:** Leticia Tavares Neves (Diretora), Marina Magalhães Miranda (Secretária) / **Conselho Profissional:** Margaret Waddington Binder (Diretora), Wania Peçanha de Oliveira (Secretária) / **Clínica Social:** Mônica Taunay (Diretora), Renata Martinelli (Secretária) / **Centro de Estudos Psicanalíticos:** Haydée Côrtes de Barros S. Pina Rodrigues (Diretora), Rebecca Nonato Machado (Secretária) / **Departamento de Publicação e Divulgação:** Maria Fernanda Borges Rossi (Diretora), Indira Stevanato (Secretária) / **Departamento de Difusão da Psicanálise:** Michelle Gorin Zaidhaft (Diretora), Lucia Moret (Secretária) / **Departamento de Comunidade e Cultura (DCC):** Sonia Verjovsky (Diretora), Maria Teresa Naylor Rocha (Secretária) / **Site:** Carlos Pires Leal



# O infantil, o precoce e o profundo

O que exatamente queremos dizer com o termo "infantil"?

Às vezes, falamos do arcaico, um termo que abrange as primeiras experiências existenciais, bem como os traços mais ou menos enterrados da sexualidade infantil como a dimensão pulsional fundadora do funcionamento psíquico (S. Freud, 1905<sup>1</sup>, 1909<sup>2</sup>) e da sexualidade das crianças, que é sua tradução atuada, traços que serão retrabalhados e transformados ao longo da vida.

A partir daí, é importante haver uma dialética entre o primitivo e o profundo.

Em seu artigo de 1958<sup>3</sup> "Sobre a contribuição da observação direta de crianças para a Psicanálise", D. W. Winnicott nos diz: "Profundo não é sinônimo de precoce porque o bebê precisa de um certo grau de maturidade antes de se tornar gradualmente capaz de ser profundo. Isso é óbvio, quase trivial e, no entanto, acho que não se dá atenção suficiente a isso".

Para D. W. Winnicott, há, portanto, uma diferença importante a ser feita entre o ponto de vista do desenvolvimento precoce, ao qual a observação nos dá acesso, e o ponto de vista da análise, que nos dá acesso às reconstruções fantasmáticas que cada sujeito é levado a fazer de seu desenvolvimento precoce.

Para ele, o precoce seria, portanto, de alguma forma, pré-fantasmático, se não pré-pulsional ou mesmo pré-sexual.

D. W. Winnicott acrescenta: "Eu sugeriria que se essa diferença essencial entre profundidade e precocidade fosse admitida, seria mais fácil para os observadores diretos e analistas se entenderem. Serão sempre os observadores diretos que dirão aos analistas que estes últimos aplicaram suas teorias cedo demais. E os analistas continuarão a dizer aos observadores diretos que há muito mais na natureza humana do que pode ser observado diretamente."

Daí a forma como ele conclui este artigo: "Em duas palavras: um bebê humano deve fazer uma certa evolução do precoce para alcançar a maturidade que permite a profundidade".

Portanto, podemos dizer que o precoce pode ser observado, enquanto o profundo pode ser experimentado e encontrado por meio da análise.

"O que a Psicanálise tem de explicar especificamente talvez seja menos o desenvolvimento sexual da criança como tal do que o infantil, ou seja, a organização das fantasias sexuais infantis como causa ou consequência da sexualidade infantil."

Dez anos depois, no artigo "Medo do colapso"<sup>4</sup>, D. W. Winnicott disse o seguinte: "Uma das coisas importantes que me aconteceram foi reconhecer que 'precoce' não significa 'profundo' e isso me ajudou quando tentei usar plenamente a contribuição de Klein sem me afundar num atoleiro inextricável. De repente me dei conta – em Paris, eu acho, ou talvez em outro lugar: 'precoce' não é 'profundo'. Você precisa da vida e do desenvolvimento de uma criança antes que a profundidade apareça, portanto, quando você vai para o nível mais profundo, não é o início que você encontra, é algo como o terceiro ano, ou o segundo, ou o décimo oitavo mês. Isso foi muito valioso para mim, porque os mecanismos em jogo na estrutura esquizoide parecem pertencer ao 'início' e não ao 'profundo', enquanto na depressão é o contrário."

Se o profundo tem valor como um *après-coup* do precoce, então é preciso considerar a leitura nos dois sentidos – do passado para o presente, mas também do presente para o passado

– na qual J. Laplanche<sup>5</sup> tanto insistiu: o precoce é a raiz do profundo, mas o profundo é uma tradução do precoce.

Para concluir, lembremos que, para D. Widlöcher<sup>6</sup>, o que a Psicanálise tem de explicar especificamente talvez seja menos o desenvolvimento sexual da criança como tal do que o infantil, ou seja, a *organização das fantasias sexuais infantis* como causa ou consequência da sexualidade infantil.

<sup>1</sup>S. Freud (1905), *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, p. 13-172, In: Obras completas, vol. 6 (S. Freud), Companhia das Letras, São Paulo, 2016.

<sup>2</sup>S. Freud (1909), *Análise da fobia de um garoto de cinco anos* ("O pequeno Hans"), p. 123-284, In: Obras completas, vol. 8 (S. Freud), Companhia das Letras, São Paulo, 2016.

<sup>3</sup>D. W. Winnicott (1958), *Sobre a contribuição da observação direta da criança para a Psicanálise*, p. 101-105, In: O ambiente e os processos de maturação (D. W. Winnicott), Artmed, Porto Alegre, 1983.

<sup>4</sup>D. W. Winnicott (1963), *Medo do Colapso*, p. 70-76, In: Explorações psicanalíticas (D. W. Winnicott), Artmed, Porto Alegre, 1994.

<sup>5</sup>J. Laplanche, *Notes sur l'après-coup*, p. 57-66, In: Entre séduction et inspiration: l'homme (J. Laplanche), P.U.F., Coll. « Quadrige », Paris, 1999 (1ère éd.).

<sup>6</sup>D. Widlöcher, *Amour primaire et sexualité infantile: Un débat de toujours*, 1, 55, In: Sexualité infantile et attachement (ouvrage collectif), P.U.F., Coll. « Petite Bibliothèque de Psychanalyse », Paris, 2000 (1ère éd.).

## // Bernard Golse

bernard.golse@icloud.com

Psiquiatra Infantil-Psicanalista (Membro da Association Psychanalytique de France) / Ex-Chefe do Departamento de Psiquiatria Infantil do Hôpital Necker-Enfants Malades (Paris) / Professor Emérito de Psiquiatria da Infância e da Adolescência da Université Paris-Cité / Fundador do Institut Contemporain de l'Enfance / Membro titular do Laboratório "Psychologie Clinique, Psychopathologie, Psychanalyse" (PCPP) da Université de Paris / Ex-membro do Conselho Superior de Adoção (CSA) / Presidente da Associação Pikler Lóczy-França (APLF).

# Onde está o nosso infantil?



O infantil, como quase todos os temas em Psicanálise, é novo a ser desenrolado a partir dos mais variados pontos: o infantil do adulto, o infantil da criança, o infantil da etiologia das mais diversas patologias, o infantil do analista...

Ligo o rádio e escuto uma canção do Arnaldo Antunes. Chama-se *Saiba* e nos lembra que “todo mundo foi neném, Einstein, Freud e Platão também, Hitler, Bush e Sadam Hussein, quem tem grana e quem não tem”.

Imagino Einstein, Freud e Platão como crianças que brincaram. Não sei se imagino os outros três, embora seja possível que sim. Que todos foram crianças é *vero*. Que todos puderam brincar, será? E sobre o infantil? Que infantil se manteve nesses personagens da nossa história?



Sigmund Freud criança.

“O infantil não é uma cidade submersa a ser explorada, uma pedra enterrada ou um outro lado do nosso ser.”

Afinal, onde está o nosso infantil?

O tempo do infantil é o tempo do inconsciente e a Psicanálise nos ensinou que o inconsciente não distingue o tempo. Passado, presente e futuro, nosso e dos nossos, se emaranham e é isso que nos faz ser e que enriquece a nossa vida. Como disse René Diatkine (1994), “as experiências infantis deixam movimentos ativos enquanto durar a vida psíquica”. O infantil não está guardado no fundo de um armário, em uma caixa de lembranças ou em um álbum de fotografias. O infantil não é uma cidade submersa a ser explorada, uma pedra enterrada ou um outro lado do nosso ser. Não é um estado a ser enaltecido, eliminado, resolvido, superado ou esquecido.

As crianças, e até mesmo os bebês que fomos, permanecem em nós e se manifestam em diversos momentos, às vezes imperceptivelmente, outras nos surpreendendo. “Há bem mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que nos faz crer a notável ruptura do ato do nascimento”, nos disse Freud, em 1926.

É possível que seja o infantil que alimen-

te a busca por uma análise e é pelo infantil que se caminha num percurso analítico. E, embora seja difícil reconstruir sua forma inicial, somente o verdadeiro encontro entre um paciente e um analista possibilita a criação de novas formas, novos caminhos, novas vias de expressão para esse infantil (René Diatkine, 1994).

O infantil aparece nos sonhos, como o do homem que voa alto; o do outro que, envergonhado, anda nu; o da mocinha cuja mãe subitamente morre ou do rapaz cujo pai cai do penhasco; ou daquele que é reprovado no exame. Faz-se ver em sintomas que se repetem, se repetem e repetem. Na dor de barriga antes da prova, na insônia antes do texto, na rouquidão que impede o grito, no riso que antecede um choro.

Está presente no leitor que devora livros, no fotógrafo que mira no buraco da fechadura, na médica que salva seus irmãozinhos, na cozinheira que os alimenta, no cirurgião que explora as entranhas, no artista que exhibe a sua obra, no presidente que (finalmente) manda mais que todos, no pesquisador que descobre de onde veio, na psicanalista que escuta a conversa proibida, no poeta que perdeu o seu amor.

Freud foi um colecionador. Desenvolveu uma paixão por esculturas que garimpava, negociava, depois cuidava e mantinha sempre perto de si. Dizem que a sua coleção teve início quando o seu pai morreu. Ele próprio deu uma interpretação: seria um colecionador porque precisava ter sempre um objeto para amar. Não é deveras interessante essa manifestação do infantil do nosso mestre?

// Maria Noel Sertã

marianoelbrena@gmail.com

# Entrevista com Ane Marlise Port Rodrigues

Instituições psicanalíticas. O despreparo para as relações grupais (e os riscos para o extravio autoritário).



Ane Marlise Port Rodrigues, a convidada desta edição, é psiquiatra e psicanalista formada pela UFRGS, analista de crianças, adolescentes e adultos (com formação pela IPA na área de infância e adolescência). Seu percurso tem a marca da liderança democrática nas instituições pelas quais passou: foi a primeira coordenadora do Núcleo de Infância e Adolescência (Associação de Psiquiatria do Rio Grande do Sul), presidiu o Capítulo Gaúcho da Associação de Neurologia e Psiquiatria da Infância e Profissões Afins (1998 a 1999), presidiu, na SBPdePA, a Associação dos Membros do Instituto, tornando-se a Diretora do Instituto (2018/2019) e Presidente (2020/2021). A compreensão das forças dinâmicas que atravessam a vida institucional das organizações psicanalíticas e ameaçam sua coesão e gestão democrática têm sido uma contribuição específica da produção escrita da nossa convidada.

**Na sua extensa produção escrita e publicada – destacando-se o prêmio pelo trabalho “Liberdade e singularidade na transmissão da Psicanálise” (RBP, v. 55, 2021) – há um foco de interesse recorrente: a transmissão da Psicanálise. Em uma cultura tão massificada, dessubjetivada e pouco imaginativa, o que move, hoje, a busca pela formação psicanalítica?**

A Psicanálise ainda oferece ao sujeito contemporâneo uma escuta que vai na contramão da cultura atual, que é da pressa, da aceleração, da falta de tempo, da submissão a ideais de beleza ou acumulação de dinheiro. Também temos as patologias da não-neurose, do traumático com descargas em atos ou no corpo, sem tramitação subjetiva. Ter um espaço e um tempo com calma para ser cuidado por uma escuta analítica é uma defesa da vida própria, onde se é sujeito de seu próprio desejo, espaço do verdadeiro *selfe* do brincar. Se esse sujeito, vivenciadas suas dores e a força do inconsciente em seu viver, sentir-se chamado desde dentro a ser psicanalista, irá aproximar-se das instituições psicanalíticas. Os projetos de ações afirmativas e sociais que enfrentam o racismo estrutural e institu-

cional procuram possibilitar o ingresso nas formações analíticas de colegas que não teriam como custear a formação. Sabemos como é difícil mexer na cultura e na estrutura de cada sociedade de Psicanálise e nos lugares de privilégio ocupados, em sua imensa maioria, por pessoas brancas de classe média e alta.

**Como você vê a presença do saber psicanalítico no cenário cultural contemporâneo? Que contribuições nós, psicanalistas, podemos dar para um mundo em convulsão?**

Na clínica – e com a pandemia piorou – temos de lidar com o aumento das vivências de desamparo, vazio, crises de pânico, ansiedade, fobias de pressão, quadros psicossomáticos, transtornos de espectro autista e de TDAH, entre outros. Na medida em que os analistas fizeram análises mais longas e aprofundadas, puderam acessar mais suas áreas traumáticas e reconhecer os efeitos do inconsciente cindido, e não somente os efeitos do inconsciente recalçado. A escuta analítica do inconsciente também é necessária em contextos fora do consultório, como nos hospitais, nas comunidades e em situações de catástrofes agudas ou crônicas (nossa desigualdade social). Essa demanda tem aumentado e configura novos campos de trabalho para o psicanalista. Pensar as origens da violência e dos preconceitos que ameaçam o indivíduo e o laço social é uma tradição iniciada por Freud e que segue imprescindível. A Psicanálise faz perguntas difíceis, sabendo que não terá respostas completas ou satisfatórias. No entanto, é possível ter pistas e sonhar com uma humanidade que dê mais conta de sua violência inata e potencializada pelo contexto familiar/ambiental.

**A Psicanálise do século XXI tem, na sua opinião, se interessado pela compreensão do momento cultural (e suas crises, como as ameaças ambientais e as guerras) ou sua ênfase ficou circunscrita prioritariamente à prática clínica dos consultórios?**

A Psicanálise atualmente está retomando uma tradição que Freud inaugurou com seus textos sociais. Já dizia que a psicologia individual é indissociável da psi-

cologia social. Mostrava seus temores com o racismo e com o antissemitismo, querendo proteger sua criação de ser vista como uma ciência judaica para não ser perseguida e atacada. Freud percebia a importância da criação de clínicas sociais para que pessoas menos favorecidas pudessem receber os benefícios do tratamento analítico. Os centros de atendimento de nossas sociedades, as várias ações solidárias e gratuitas para atendimento durante a pandemia, a permanência do SOS Brasil, da FEBRAPS, são exemplos das clínicas sociais na atualidade. A tecnologia do online potencializou sobremaneira o alcance do atendimento psicanalítico. Populações excluídas, como os pobres, em sua maioria negros, vêm buscando cada vez mais tratamentos analíticos e muitos querem psicanalistas negros e negras para sua análise. Psicanalistas homossexuais já estão mais aceitos em nossos Institutos de Psicanálise. E os transexuais: buscarão algum dia ingressar também? Serão recebidos? Nossas instituições e seus psicanalistas estão sendo exigidos cada vez mais a lidar com a diversidade humana dentro de suas formações. Somos, portanto, muito mais confrontados com nossos preconceitos, pontos cegos, agressividade/violência, tendo privilégios questionados e sentindo um mal-estar que antes era mantido de fora da instituição. Nossos discursos por igualdade e democracia se confrontam com práticas antidemocráticas e que exacerbam as desigualdades. Nosso cinismo fica desmascarado. Dizem que isso não é papel da Psicanálise. Mas qual a responsabilidade dos psicanalistas em manter a Psicanálise tão elitizada? Em tentar manter suas instituições como um condomínio fechado, impermeável ao que se passa fora dele? Não vejo como poderíamos viver à parte do mundo em ebulição e em transformação acelerada. Seria como uma asfixia para nossa ciência.

**Há muitos anos você chama a atenção para a necessidade de considerar-se a dinâmica das relações e vivências subjetivas grupais-institucionais nas sociedades psicanalíticas. Haveria uma resistência na percepção desses fenômenos e, em**

“...teremos que avançar muito em nossas capacidades de lidar com a lógica do 'entre dois ou mais', com os mundos descontínuos e discordantes no mesmo espaço e tempo, sustentando a desilusão de nossas expectativas grupais...”

#### caso afirmativo, como compreendê-la?

Na dinâmica das relações e vivências grupais/institucionais, nosso narcisismo e nossa pulsão de domínio sobre o outro são postos à prova. Quando se está numa posição de poder, nosso viés autoritário e totalitário pode se revelar rapidamente. Em teu premiado trabalho, Carlos (Romance Familiar, RBP, vol. 35, 2001) coloca que uma interpenetração da experiência interna/privativa (relação analítica) e da experiência institucional política (imersão na instituição formadora) é inevitável. Também alertava sobre a necessidade de essas dinâmicas serem sistematicamente observadas e elaboradas pelas consideráveis angústias e dificuldades que surgiam de todos os lados. Quanto mais complexa a situação, maior nossa responsabilidade para encontrar saídas não violentas ou destrutivas. Os vários aportes de Berenstein e Puget sobre a teoria da vincularidade acrescentam novas ferramentas para entendermos as resistências que surgem no grupo/instituição. Além do que vem de nossa história (nosso narcisismo patológico, o campo das representações das faltas e ausências, a repetição, as identificações, as transferências do passado no presente), agregam que temos de lidar com os efeitos da presença do outro/estranho/estrangeiro/*ajeno* – que nos impõe algo seu que não assimilamos, não nos identificamos, rejeitamos e queremos eliminar. É nessa área de *ajenidad* do outro em sua diferença radical, nesse espaço do “entre dois”, que se situam resistências e possibilidades do trabalho do vínculo. Isso nos exige conviver com uma lógica do não-consenso, de mundos descontínuos, mas que podem estar no mesmo espaço e tempo. Exige também lidar com a violência inerente às relações entre humanos e que pode eclodir a qualquer momento. É um campo de incertezas/inseguranças e nossa sensação de pertencimento pode se ver ameaçada, como refere Puget. Atualmente, diferenças políticas, inclusive partidárias, adentraram espaços institucionais onde havia predominantemente intercâmbio científico ou administrativo. Com as ações afirmativas, o mal-estar social do racismo e dos preconceitos não pode ser mantido de fora. Isso tem tido um custo nas relações afetivas, pois rompe com a ilusão de sermos um grupo homogêneo, uma fratria idealizada e amigável. No livro “*Subjectivación discontinua y psicoanálisis*” (Buenos Aires: Lugar Editorial, 2018), Puget fala de lógi-

cas e espaços superpostos conectados por descontinuidades que impossibilitam articulações harmoniosas. A Psicanálise vincular procura ter uma escuta para essa potencialidade.

#### O modelo quadripartite – ou o 4º Eixo, como foi denominado pelo ex-presidente da IPA, Bolognini – sustenta que a vivência institucional, com seus potenciais desagregadores e destrutivos, enriqueceria a formação da identidade do psicanalista e tornaria mais democrática e criativa a experiência da transmissão da Psicanálise. Como anda sua adoção desses valores na instituição da qual faz parte?

O modelo do 4º Eixo existe em todas as instituições de Psicanálise, mesmo que não seja reconhecido como força operante pelo grupo institucional. O modo de ser de cada Sociedade, seu DNA de origem, suas venturas e desventuras de fundação e percurso, suas qualidades e seus defeitos, sempre exercem uma presença que deixa marcas em seus membros. A instituição pode ter marcas traumáticas a elaborar. Se pudermos reconhecer a força dessas marcas, poderemos trabalhar sobre essas dinâmicas e favorecer evoluções. Em minha Sociedade, além das assembleias ordinárias e extraordinárias, usamos o recurso de convocação de reuniões gerais que abarcam todos os membros. Para a apresentação e discussão do Projeto Ubuntu, fizemos várias. Considero que os Institutos de Psicanálise têm o dever ético de serem porta-vozes da tradição do saber psicanalítico, mas também de darem voz a todos os membros, ao novo que surge, principalmente a partir dos candidatos/membros do Instituto. Compete à diretoria da Sociedade dar respaldo aos debates e equacionar conflitos.

#### Você considera que há uma resistência por parte de algumas instituições psicanalíticas ao impacto da cultura e dos fatos políticos sobre o campo psicanalítico? O psicanalista clínico deve se proteger do cidadão psicanalista?

Este temor é veiculado em várias falas de colegas. Mas pergunto por que o saber da Psicanálise, que tem uma escuta diferenciada para o inconsciente, tem um método bem estabelecido com a transferência, a busca das associações livres, o princípio da abstinência, a

contratransferência... Por que esse saber se degradaria? Por que esse saber deixaria de ser transmitido para as futuras gerações de psicanalistas? Por que grupos de psicanalistas que querem fazer um trabalho comunitário ou em outros tipos de enquadre teriam de ser tão criticados? (Seria o 5º Eixo da formação). É como se na instituição só pudesse existir um grupo hegemônico – a lógica do UM. A dificuldade parece ser no sentido de abrir novos espaços dentro da instituição e de mudanças do até então estabelecido. Excluindo a ação, o grupo que a representa também é excluído do espaço institucional. Enquanto presidente da SBPdePA e, depois, como coordenadora do Projeto Ubuntu, ouvi algumas vezes que deveria silenciar esse barulho, não levar adiante a implementação das ações afirmativas para o ingresso de colegas negros e indígenas na formação analítica. Não precisamos estar de acordo. Precisamos respeitar nossas diferenças e aprender a acolher melhor os aportes dos colegas, das novas gerações de psicanalistas e das pressões que vêm do mundo que nos envolve. O cidadão psicanalista faz parte da nossa identidade e cabe a cada um ver como se vê com isso. O que é ser cidadão/cidadã para mim pode não ser o mesmo para o outro. O que não podemos fazer é militância na clínica com nossos analisandos ou usar o nome da instituição.

#### Em alguns de seus trabalhos, você fala sobre a necessidade da instrumentalização do psicanalista para melhor compreender os fenômenos grupais-institucionais. Estamos desprovidos desses saberes?

Não fomos preparados para lidar com fenômenos grupais/institucionais. Nossa formação é muito dirigida para o trabalho com o indivíduo e onde a abstinência é um princípio. Quando estamos em grupo, entra a imposição da nossa presença e as marcas que provoca. Não somos abstinentes nesse contexto, ou sem memória e sem desejo. Habitualmente, esperamos que concordem conosco, que não haja conflitos, que se forme o consenso. Ainda teremos que avançar muito em nossas capacidades de lidar com a lógica do “entre dois ou mais”, com os mundos descontínuos e discordantes no mesmo espaço e tempo, sustentando a desilusão de nossas expectativas grupais, vivendo tempos sem certezas e até violentos. Ainda assim,

tem a beleza de criar acontecimentos inesperados e nos aventurarmos em territórios desconhecidos.

**A mutilação da nossa humanidade – quando nos cegamos e calamos para as injustiças cotidianas e violências contra mulheres, negros, imigrantes, índios, crianças –, como você sugere em um dos seus trabalhos, tem nos protegido da culpa e dos mal-estares existenciais?**

A mutilação da nossa humanidade vem sempre que desumanizamos o outro, que passa a ser visto como uma posse nossa, um animal, um robô, uma mera engrenagem de uma máquina, preso numa posição de

nos servir para o nosso próprio gozo. Não poder se colocar no lugar do outro, em sua pele, é uma potente defesa contra a percepção de nossa violenta indiferença e desligamento (para Green, expressão da pulsão de morte). Isso é válido tanto no plano individual quanto em políticas de Estado. Havia uma política de Estado no Brasil de embranquecer a população. O extermínio do povo preto e dos povos originários segue vigente. Mas sigamos com esperança, pois vejo evoluções positivas no campo da Psicanálise para abrigar o novo/diferente/disruptivo. O mundo mais conectado traz uma clareza maior da responsabilidade que é de todos, mesmo que em

graus diversos, inclusive em relação à preservação de nossa casa maior – a Terra.

// Carlos Pires Leal

carlospiresleal@gmail.com



## PSICANÁLISE & CINEMA

# O passado é um país estrangeiro

“O passado é um país estrangeiro: lá as coisas acontecem de outro modo” – a frase de abertura do livro *“The Go-Between”* (posteriormente filmado por Joseph Losey, *O Mensageiro*, Palma de Ouro em Cannes, 1971) pode ser lembrada a propósito de um filme tão diferente quanto é *Vidas Passadas*, de 2023, estreia de Celine Song na direção em longametragem, produção que já recebeu mais de 70 prêmios internacionais.

24 anos antes da ação atual, um garoto e uma garota orientais, aparentando algo em torno de 12 anos de idade, conversam enquanto caminham na saída da escola. Nesta primeira parte do filme sabemos que a família da menina vai emigrar para o Canadá.

12 anos depois, um “capítulo” intermediário mostra como eles se “reconstruíram” pela internet, ela morando em Nova York, tendo

ele ficado na Coreia do Sul. No terço final, o homem coreano vai aos Estados Unidos e reencontra a amiga de infância, agora casada. Muitos filmes já abordaram vidas que se reencontram depois de muitos anos, assinalando a importância (ou peso) da infância na vida adulta. Se há um diferencial em *Vidas Passadas* é a delicadeza da abordagem em que os personagens desenvolveram projetos particulares, por um lado, e aquilo que, afetivamente, os une, por outro; mas também aquilo que pode separá-los além da distância geográfica, cultural e temporal. Por mais que o que acontece com eles seja tão prosaico, frequente e universal, o enredo não recorre a clichês surrados nem sentimentalismo barato.

Como se dá com a personagem feminina, a diretora e roteirista nasceu na Coreia, sua

família emigrou para o Canadá e ela se radicou em NY, mas o que ela filmou não parece advir de uma viagem em torno do próprio umbigo, sugerindo, sim, uma elaboração que pode envolver muitos espectadores de diferentes etnias e experiências de vida.

Se a personagem da mulher fica no vértice de um triângulo anacrônico, é o homem coreano quem recebe excelentes diálogos do roteiro e consegue emocionar numa composição quase minimalista, sendo este o personagem em quem o “país estrangeiro” do passado permaneceu mais ativo, mesmo que lá as coisas aconteçam de outro modo, tão diferente.

*Vidas Passadas* – mais do que se referir à ideia (de possível origem budista) sobre reencarnações e reencontros atuais que já teriam ocorrido em outras vidas (algo mencionado no filme várias vezes) – deixa claro que a infância é, em si mesma, a vida passada do título, ainda que possa se eternizar no presente. As ideias de Robert Stolorow no livro *“Psicanálise das Paradas do Desenvolvimento”* (1930, Imago Ed., talvez possam se articular com a situação do personagem deste filme atual, assim como acontece com o garoto do já citado *“O Mensageiro”*: em ambos os filmes, de formas diversas, o infantil não se atualizou e na vida adulta os encontramos prisioneiros de um passado tão idealizado quanto terá sido abortado de modo mais ou menos traumático.

// Luiz Fernando Gallego

luizgallego@gmail.com



Cena do filme *Vidas Passadas* (2023).



# Analizando crianças e adolescentes

Em uma análise de crianças, o paciente chega ao consultório e se depara com uma caixa com seu nome, contendo pequenos brinquedos e alguns materiais, como lápis, *pilot*, papel, tesoura, cola, barbante e outros itens que selecionamos para começar o tratamento. Haverá ali um analista disposto a entrar em uma relação única em que irá ao encontro de um mundo mental que está se construindo, onde os terrores são muitos, as defesas intensas, a capacidade de se conectar é forte e a fantasia e a realidade se misturam com mais facilidade. É na brincadeira, como descreveu Melanie Klein, que a associação livre acontecerá e o analista terá de brincar junto permitindo que aconteça o sonho a dois no campo analítico.

A experiência emocional vivida na sessão é intensa e a fragilidade e vulnerabilidade da criança mobilizará no próprio analista os primórdios da sua vida mental, trazendo emoções

primitivas à tona. O analista precisará ter muita paciência e tolerância para não saber o que se passa, confiando que, em algum momento, poderá emergir algo que dará sentido ao que está sendo vivido. Com a evolução do tratamento, a criança passará a confiar nele, que sentirá a força dessa conexão, que acarreta intenso envolvimento emocional. O analista precisará usar a capacidade de experimentar o que se passa podendo se abster de memória e desejo.

Muitas vezes, o caos se instaura, temos água pela sala de análise, tinta, móveis bagunçados, gritos, cabanas montadas, resistência para entrar no consultório e manifestações afetivas surpreendentes. As raízes do infantil, que observaremos ao longo de toda a vida de uma pessoa, poderão ser vistas e vividas nessas análises.

O contato com os pais é também parte importante da análise de crianças, relação esta fundamental para que a criança possa confiar no ana-

lista. Ao mesmo tempo, a análise muitas vezes permite que a criança sobreviva a realidades externas dramáticas e que ela não pode mudar. No contato com a família, o analista é levado a vivenciar o que a criança experimenta e, muitas vezes, pode ajudar os pais a observarem seus filhos e a si próprios, o que, eventualmente, acarreta a elaboração dos seus fantasmas infantis que aparecerão na relação com os filhos.

No trabalho com adolescentes, vemos uma reedição dessas experiências muito primitivas presenciadas na análise de crianças pequenas. Quando o corpo se transforma agudamente na puberdade, angústias primitivas da infância retornam e podem ser vivenciadas de forma dramática; em muitos momentos, a ameaça de desintegração parece estar presente e o colapso prestes a acontecer. O analista é sugado por essa turbulência e precisará fazer uso dos recursos que sua própria análise oferece, podendo entrar em contato com o mundo mental do adolescente, preservando a sua capacidade de pensar e, assim, logrando viver, na transferência, as emoções intensas que se apresentam.

Diante disso, podemos dimensionar o desafio que é atender crianças e adolescentes e, ao mesmo tempo, a riqueza que esse atendimento pode trazer para o psicanalista. Não acho que todos devem atender essa faixa etária, apenas aqueles que desejarem muito, mas acredito que todos podem se beneficiar ao conhecer melhor como se dá esse tratamento, a técnica usada, como esses casos se apresentam e são conduzidos. A Formação Integrada, que já foi aprovada em AGE e apenas aguarda a confirmação da IPA para ser iniciada, permitirá que todos os membros possam assistir aos seminários sobre análise de bebês, crianças e adolescentes. Mesmo aqueles que não pretendem atender pacientes tão jovens terão a oportunidade de entrar em contato mais próximo com os primórdios deste infantil que encontrarão nos seus pacientes.



Egon Schiele. *Recém-nascido com as pernas levantadas* (1910).

// **Marcela Ouro Preto Santos**  
marcelaopsantos@hotmail.com





## Direito ao segredo

Nas férias de verão, estava à beira-mar de uma praia pouco frequentada, na qual havia sido difícil chegar, mas a paisagem era arrebatadora e estimulante para uma boa conversa entre amigos. Os amigos em questão eram crianças. Ambos estavam molhados e deitados em espreguiçadeiras observando o mar, sem manter contato visual um com outro, mas os ouvidos atentos reproduziram em minha mente a cena de uma sessão de análise. Uma das crianças contava que os seus colegas de turma faziam terapia e que ele sabe que também precisaria, mas que havia desistido dessa ideia quando ouviu de outros dois colegas que os psicólogos que eles iam contavam tudo o que eles brincavam e conversavam para os pais.

O que ouvi me tocou profundamente, trazendo-me o questionamento sobre como estamos exercendo nosso trabalho com ética junto aos pequenos. Ética, fundamental na formação profissional de qualquer analista. Profissionais que trabalham com crianças devem receber formação específica sobre as questões éticas e legais relativas à confidencialidade e ao direito ao segredo. Isso inclui saber como se comunicar de forma adequada com crianças de diferentes idades e como envolver os pais no processo terapêutico de forma que respeite a autonomia e a privacidade da criança.

O direito ao segredo é o direito à privacidade, princípio fundamental que protege a intimidade e a vida privada de qualquer sujeito. Quando se trata de crianças, este direito assume contornos particulares, sobretudo no contexto da análise infantil, onde a confidencialidade e o respeito pela privacidade são essenciais para estabelecer uma relação de confiança entre o analista e a criança. O espaço potencial acontece nesse contexto, quando a criança tem a certeza de que não será traída, pois sua intimidade será protegida.

A relação terapêutica depende fortemente da confiança que é construída, em parte, por meio da garantia de confidencialidade. Crianças, assim como adultos, precisam sentir que seus pensamentos, sentimentos e informações pessoais estão seguros com o profissional que os atende. Isso é especialmente importante para crianças que podem estar passando por situações de vulnerabilidade ou conflito. Apesar da regra geral de confidencialidade, existem situações em que o direito ao segredo pode ser limitado, como em casos em que há risco de dano à criança ou a terceiros. Nesses casos, o profissional deve seguir as diretrizes éticas e legais para a quebra de confidencialidade, sempre visando o melhor interesse da criança.

Parte do processo de respeito ao direito ao segredo inclui o consentimento informado dos pais ou responsáveis pela criança. Eles devem estar cientes dos limites da confidencialidade e das possíveis situações em que o segredo pode ser quebrado. No entanto, é crucial equilibrar o envolvimento dos pais com o direito à privacidade da criança, especialmente à medida que ela cresce e se torna capaz de tomar decisões.

Tal situação me remete a uma fala que ouvi certa vez quando comuniquei a um paciente que seus pais viriam ao consultório dentro de algumas semanas. A criança me sugere que façamos uma pauta, como a pauta de reunião que seu pai faz no trabalho. Ela me diz que não sabe como falar aos pais algumas coisas que a incomodam e gostaria que eu transmitisse a eles. Vejam como há uma grande diferença quando somos autorizados pela criança a falar sobre elas mesmas.

Além da garantia de confidencialidade, é fundamental que o ambiente terapêutico seja percebido como um espaço de confiança pela criança. Isso significa criar uma atmosfera de aceitação, compreensão e

respeito, onde a criança se sinta livre para expressar-se sem medo de julgamento ou represálias.

O direito ao segredo na análise de crianças é um pilar essencial para a eficácia do trabalho analítico. Respeitar esse direito não só é uma obrigação ética e legal para os profissionais da área, mas também uma prática que beneficia o desenvolvimento emocional e psicológico da criança. Ao navegar pelas complexidades da confidencialidade, os profissionais devem sempre ter como prioridade o bem-estar e os melhores interesses da criança, garantindo que o direito ao segredo seja mantido, exceto em circunstâncias onde a segurança da criança exija o contrário.

// Cassiane Crestani

cassicrestani@yahoo.com.br

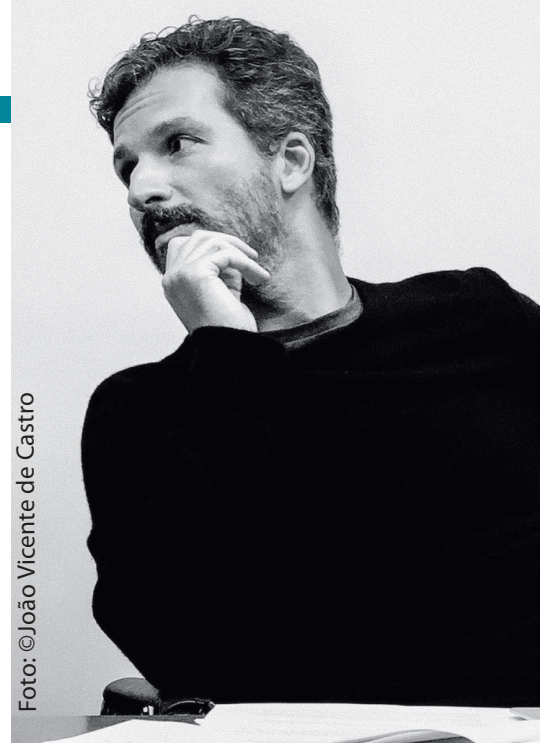


Candido Portinari. Menino com Pião (1947).

# Francisco Bosco

Ensaísta, doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), autor de *O diálogo possível: por uma reconstrução do debate público brasileiro* e *A vítima tem sempre razão? Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro*, entre outros. Foi colunista da revista *Cult* e do jornal *O Globo*. Dirigiu a rádio *Batuta*, do Instituto Moreira Salles. É letrista de canção popular. Foi presidente da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE). Atualmente, apresenta o programa de TV *Papo de Segunda*.

Foto: © João Vicente de Castro



## Qual "diálogo possível" a Psicanálise pode estabelecer na reconstrução do debate público brasileiro, tema do seu último livro?

A Psicanálise é uma ferramenta fundamental para compreendermos por que o debate público brasileiro encontra-se alienado, mistificado e inflamado. O campo da discussão ideológica está predeterminado por posições inconscientes que impedem tanto a correta compreensão das macroideologias – de seus princípios e de seus efeitos históricos – quanto a imprescindível margem de manobra cognitiva para que o debate público cumpra sua função: o aprimoramento da interpretação da realidade, por meio de argumentos, evidências, dados empíricos. Fora a produção acadêmica e a atividade de intelectuais públicos (menos contaminadas, embora não totalmente imunes à alienação grupal), o grosso do debate,

cuja centralidade está nas redes digitais, tem uma dinâmica afetiva, inconsciente, marcada por lógicas de grupo e suas benesses imaginárias, que se traduzem em reservas de mercado. A Psicanálise já estava preparada para estudar lógicas de grupo antes mesmo de existir (o livro de Gustave Le Bon, *Psychologie des foules*, foi fundamental para Freud escrever o seu seminal *Psicologia das massas e análise do eu*). Portanto, é ela quem tem o repertório conceitual mais capaz de explicar por que o debate público segue girando em falso. Basta, a propósito, ver o que as pesquisas mostram sobre a percepção social quanto ao evidente golpismo bolsonarista: ora, precisamente, não são as evidências que estão orientando a compreensão social da realidade.

## Nos últimos anos, vimos feministas, movimentos negros e LGBTQIA+ tornarem-se protagonistas de lutas por representatividade e contra o preconceito, ao mesmo tempo em que o reacionarismo contra esses grupos escalou. O que mudou desde a publicação de *A vítima tem sempre razão?*, ensaio em que você analisa a questão identitária?

Veja, não penso que essas lutas sejam exclusivamente por representatividade e contra o preconceito. Se fossem apenas isso, eu não seria um crítico do chamado "identitarismo". Ora, justamente, "identitarismo" é o termo que pretende descrever o modo como os movimentos sociais de minorias foram adotando, nos últimos 10 anos (de forma mais definida, porque a genealogia teórica de suas ideias recua mais algumas décadas, como mostrou, por exemplo, Yascha Mounk em seu recente *The identity trap*), um conjunto de premissas e

métodos que são inaceitáveis. No campo das premissas, há, por exemplo, uma percepção falsa de que os sujeitos são excessivamente, senão totalmente, determinados por certos marcadores de origem, como raça e gênero. Determinados nas dimensões cognitiva, moral e política. Homens brancos, necessariamente, defenderiam perspectivas favoráveis à perpetuação de seus privilégios sociais, por exemplo. Isso é falso. Há diversas outras premissas falsas, todas elas levando ao mesmo lugar: um tribalismo social que abre mão de qualquer tentativa de reconstrução crítica do universalismo e degrada a experiência convivial, estimulando ódios e novos preconceitos. Já no campo dos métodos, o identitarismo se caracteriza sobretudo pelo "cancelamento": dinâmicas de extrema coesão de opinião que repudiam a complexidade, muitas vezes fazem vistas grossas às evidências, elegem bodes expiatórios, sem qualquer respeito ao contraditório, e instilam no debate público o afeto do medo como ferramenta política. Por tudo isso, e muito mais, não são apenas conservadores e reacionários que atacam esses movimentos. Há uma crescente onda de críticas, de dentro de setores da esquerda, ou centristas, contra o identitarismo. Livros importantes vêm sendo lançados no mundo inteiro, criticando premissas e métodos desses movimentos (e não apenas seus "excessos"). De minha parte, defendendo uma dialética segundo a qual os velhos universalismos (liberal, globalmente falando, e culturalista, na tradição brasileira) devem, sim, ser criticados, por meio de parte do repertório teórico identitário – entretanto, o identitarismo deve ser também criticado para, na terceira etapa do movimento dialético, tentarmos construir um novo universalismo.

## A vítima tem sempre razão?

Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro



Francisco Bosco

Livros publicados de Francisco Bosco.

# “A Psicanálise é uma ferramenta fundamental para compreendermos por que o debate público brasileiro encontra-se alienado, mistificado e inflamado.”

## Como você entende o crescimento dos fanatismos, sejam eles políticos, religiosos etc., especialmente no Brasil, na última década?

Quanto à religião, não há muito com o que se surpreender. Penso ser uma perspectiva há muito abandonada aquela segundo a qual o mundo tenderia à uma progressiva secularização, por causa do progresso científico e da melhora das condições materiais da humanidade. Ora, o capitalismo liberal, em sua fase de globalização radical, deixou de cumprir com essas promessas. Houve, sim, ganhos materiais expressivos em quase todos os países pobres e de renda média do mundo, mas esse processo veio acompanhado de uma concentração grotesca de renda e capital, relegando grandes setores sociais a uma cidadania degradante e, logo, a um desamparo social que encontra, na religião, seu amparo possível. Ao mesmo tempo, desde os anos 1960, pelo menos, até a década passada, as democracias ocidentais passaram por um processo de hegemonia da perspectiva liberal no campo dos comportamentos, das liberdades civis, sobretudo no que diz respeito às questões de gênero e sexualidade. No século XXI, essa agenda liberal se radicalizou e foi aumentando a insatisfação dos conservadores. Quando as democracias liberais começaram a apresentar fissuras, eles se organizaram e formaram uma resistência encarnada à agenda da plena universalização dos direitos. No campo da política, ideológico-partidária, a coisa é, talvez, ainda mais complexa, mas o fator decisivo, no meu entender, foi a emergência e expansão das redes digitais. Essas redes transformaram o debate público, para o bem (democratizaram-no) e para o mal (alienaram-no, mistificaram-no). O que temos

chamado de “fanatismo” político me parece ser sobretudo efeito da descoberta de identidades políticas hipercoesas, que não deixam de ter um papel análogo ao da religião: são formas de produção de pertencimento, em um mundo extremamente individualista e institucionalmente organizado para deixar os desfavorecidos muito desamparados.

## Como foi sua aproximação com a Psicanálise e qual o papel que ela teve/tem na sua formação intelectual e no pensador que você se tornou?

Sou um leitor de Psicanálise tanto quanto o sou de outras disciplinas das humanidades, como a Filosofia, a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia e as Ciências Políticas. Minha formação acadêmica foi em Teoria da Literatura/Semiologia, isto é, uma formação ampla, multidisciplinar, não especializada. Como semiólogo, passei a vida me exercitando na leitura do mundo, isto é, de quaisquer máquinas de signos, estejam onde estiverem. E, para tanto, procuro mobilizar diferentes disciplinas. Naturalmente, essa trajetória um tanto inespecífica tem vantagens e desvantagens. Essas últimas são mais evidentes: não sou capaz de analisar o populismo, por exemplo, como o faz um cientista político especializado. Mas, ao contrário dele, tenho recursos para oferecer certas imagens do todo, para articular perspectivas insuspeitadas entre campos diferentes. Sou, em suma, um ensaísta.

**Você assumiu vários papéis na cena contemporânea... Ensaísta, escritor, poeta, apresentador do *Papo de Segunda*, do GNT, e pai. A paternidade contemporânea está em transformação, mas ela ainda é um ideal distante. Como você vivencia a sua pater-**

## nidade em meio a tantos papéis?

A experiência da paternidade é central na minha vida. Faço parte de uma geração que teve que lidar com transformações radicais nos papéis de gênero e, logo, nas dinâmicas parentais. Esse processo é limitado por filtros de classe e raça, mas não devemos subestimar a sua realidade: hoje, muitos pais têm assumido profunda e extensamente sua corresponsabilidade parental. Nos ambientes que frequento, os pais participam da vida escolar de seus filhos; se envolvem com questões pedagógicas e formativas, *lato sensu*; têm consciência de questões alimentares; frequentam os pediatras, acompanham a caderneta de vacinação etc. É provável que ainda haja assimetrias nas divisões de tarefas domésticas, mas mesmo aí não há dúvidas de que houve um ganho enorme de redução de desigualdades. Enfim, isso quanto ao equilíbrio de gênero na experiência parental heterossexual. Mas, claro, a experiência da paternidade vai muito além disso e tem sido uma fonte central e renovada das minhas alegrias, intensidades emocionais, saúde mental – e também de minhas angústias, preocupações e, para ser franco, do meu cansaço.

// Tiago Mussi

tiagofrancoh@gmail.com





# Conhecer o mundo, contar histórias

Publicado pela primeira vez em 2006, *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, demorou-se na gaveta desde a década de 1980, apesar de algumas tentativas de publicação. Conta a história do processo de remoção de uma favela mineira, a partir da perspectiva de uma criança colecionadora de histórias (Evaristo, 2017, p. 32): Maria-Nova vive a preencher-se das histórias dos outros moradores, de maneira que mistura sua vida às de todos. *Becos*, por isso, toma a forma de uma composição de fragmentos, costurados pela escuta e pelo olhar da menina que conta. Ao transmitir as histórias, permite que continuem a afetar-nos, em outros tempos. Lembra, assim, o narrador benjaminiano, que “tira o que conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes (Benjamin, [1936] 2012, p. 217).

Digo que é ela, a menina, quem conta a história escrita em *Becos da Memória*, porque, ao longo da leitura, temos a impressão recorrente de que a personagem se confunde com a narradora e, mais profundamente, com a escritora. Conceição Evaristo não resolve a “charada” dessa “con(fusão)” entre o seu “eu-menina” e Maria-Nova (Evaristo, 2017)<sup>1</sup>. Explica que sua *escrivência* transmite uma experiência que é sua e dos seus (Evaristo, 2017), e que foi pela ficção que pôde escrever a verdade:

*As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido, venho afirmando: nada*

*que está narrado em “Becos da Memória” é verdade, nada que está narrado em “Becos da Memória” é mentira.* (Evaristo, 2017).

O livro, que trata de fatos duros e doídos, o faz pela narração do que há de mais fino, a experiência subjetiva. Evaristo dá a ver e a sentir o modo como estruturas sociais feitas de racismo e desigualdade atravessam e estreitam as possibilidades (e o direito) de expansão da vida singular de cada um. Lutos, loucura, resistência, dores e alegrias que atravessam tempos e gerações ganham espaço na narração e escancaram sua inseparabilidade do mundo em que se inscrevem, dentro do qual são produzidos. Por isso, dizem tanto sobre ele. Podemos pensar que *Becos* funciona, ele mesmo, como um fragmento da sociedade, e que contém em si as tensões e complexidades que lhe são próprias.

Parece-me que, com este livro, Conceição Evaristo faz da literatura meio de garantir existência e duração ao que está em vias de desaparecer, dado o processo de remoção; realiza um movimento contrário ao do desfazimento de casas e laços. Até quando houver leitores, as histórias narradas em *Becos* (entre memória, literatura, ficção e verdade) poderão mesclar-se a outras vidas. A memória e os sentidos transmitidos mantêm, desse modo, a possibilidade de compor-se a novos tempos, e de perturbar a naturalidade com que costumam ser silenciados, abstraídos, os efeitos dos modos de funcionamento “normal” desse mundo que é o nosso.

Referências:

C. Evaristo (2017). *Becos da Memória*, Rio de Janeiro: Pallas.

W. Benjamin (1936). O narrador, In: *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*, São Paulo: Brasiliense, 2012.

<sup>1</sup>As referências ao texto de Evaristo que não indicam a página do livro remetem ao texto que antecede o início de *Becos da Memória*, intitulado “Da construção de Becos”, já que não foi paginado na 3ª edição, de 2017.

// **Maria Izabel Varella**  
varellabel@gmail.com

